

Maratona de Leitura 2009/2010

6º Ano

Caras leitoras e caros leitores

O Centro de Recursos/Biblioteca Escolar considerou necessário alterar as regras da Maratona de Leitura, que, anualmente, realizámos.

No presente ano disponibilizamos on-line, com antecedência, os textos a serem lidos, por leitoras e leitores, de forma que os possam estudar até porque, acabada a leitura terão que saber responder a duas questões de «cultura geral», que aqui colocamos, para vos facilitar a vida. Claro está... as respostas podem ser encontradas no lugar do costume: o **CR/BE!!!!**

Mas fomos mais longe: ao divulgarmos estes textos, pretendemos que os vossos Encarregados de Educação e as vossas Encarregadas de Educação colaborem convosco e connosco. Como?

1. Ouvindo-vos ler em casa, comentando a vossa leitura e sugerindo-vos formas mais atractivas de lerem a história que vos calhou em sorte (o número de identificação da história coincide com o vosso número na turma, por isso é fácil treinarem a leitura);
2. Em família e a partir da história que vos «pertence» criem um novo texto ou um desenho ou um objecto tridimensional, que devem sujeitar a concurso, a partir de dois critérios: relação com a história e originalidade. O prazo de entrega termina no dia 25 de Fevereiro de 2010, às 16.00H. O local de entrega é no CR/BE. O produto do trabalho familiar a entregar no CR/BE, dentro do prazo estipulado,

deve estar devidamente identificado com o vosso nome, número, turma e o nome do ou da encarregado(a) de educação.

3. A equipa do CR/BE constituirá um júri de avaliação dos trabalhos e da sua decisão não poderá haver recurso. O resultado será publicado nos locais habituais: placards do CR/BE e menu do CR/BE na página da escola.

Mas fomos mais longe ainda:

4. Cada leitora e leitor concorrente poderá convidar um familiar ou amigo para a ou o ouvir participar no Concurso, que se realizará no CR/BE, em dia e hora a divulgar oportunamente.

5. Admitimos que até duas pessoas das vossas convidadas e presentes no CR/BE, se o desejarem, vos leiam uma história/um poema, por si escolhido e preparado, num tempo nunca superior a cinco minutos.

6. Será colocada aos vossos convidados e convidadas duas questões mistério relacionadas com o texto assinalado «texto família».

Esperamos que gostem das alterações e se sintam mais em casa, no CR/BE.

Esperamos por vós.

Até lá... boas leituras!

A coordenadora do CR/BE

Amélia Macedo

Textos seleccionados:

1 – Maria Alzira Cabral, Antes de Ler	2 – José Lins do Rego, Os contadores de histórias	3 – António Mota, Livro Fechado (início)	4 – António Mota, Livro Fechado (conclusão)	5 – Ambrogio Borsani, O Navio-biblioteca (início)
6 – Ambrogio Borsani, O Navio-biblioteca (continuação)	7 – Ambrogio Borsani, O Navio-biblioteca (conclusão)	8 – Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, A caminho de Londres (início)	9 – Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, A caminho de Londres (continuação)	10 – Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, A caminho de Londres (conclusão)
11 – Eça de Queirós, Na vertente de uma serra (início)	12 – Eça de Queirós, Na vertente de uma serra (conclusão)	13 – Maria Isabel de Mendonça Soares. Os franceses (início)	14 – Maria Isabel de Mendonça Soares. Os franceses (continuação)	15 – Maria Isabel de Mendonça Soares. Os franceses (conclusão)
16 – Sophia de Mello Breyner Andresen. Vanina (início)	17 – Sophia de Mello Breyner Andresen. Vanina (continuação)	18 – Sophia de Mello Breyner Andresen. Vanina (continuação)	19 – Sophia de Mello Breyner Andresen. Vanina (continuação)	20 – 19 – Sophia de Mello Breyner Andresen. Vanina (conclusão)
21 – Alves Redol. O Cuco (início)	22 – Alves Redol. O Cuco (continuação)	23 – Alves Redol. O Cuco (conclusão)	24 – Maria Isabel Mendonça Soares. Rebate falso (início)	25 – Maria Isabel Mendonça Soares. Rebate falso (conclusão)
26 – Manuela Ribeiro. Um curso de férias (início)	27 – Manuela Ribeiro. Um curso de férias (conclusão)	28 - « Texto família » - No mar das sereias Questão mistério a colocar às pessoas convidadas.		

Texto 1

Antes de ler

Antigamente não havia livros como há hoje. As histórias eram transmitidas oralmente pelos trovadores, que andavam de palácio em palácio a cantar e a contar, e pelos contadores de histórias que foram e ainda são hoje, nas aldeias mais remotas, uma espécie de **livros ambulantes**. Desconhece-se, por isso, a autoria da maior parte das histórias tradicionais.

Existem muitas versões de uma mesma história, por que «quem conta um conto, aumenta um ponto» e os contadores não se limitavam a reproduzir o que já tinham ouvido: recriavam as histórias e acrescentavam-lhe novas peripécias e muitos pormenores.

O texto que vais ouvir ler já a seguir foi escrito por um autor brasileiro, e descreve uma contadora de histórias. A primeira frase do texto diz. «A velha Totonha, de vez em quando, batia no engenho.». Neste contexto, a palavra «engenho» significa uma grande plantação de cana-de-açúcar onde existe uma máquina própria para moer a cana (o engenho). «Bater no engenho» significa «passar na plantação».

Maria Alzira Cabral (2004). Canto das Letras
Texto Editora
(texto adaptado)

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Diz quem é o autor de «Trovas do Vento que Passa», um texto cantado por Adriano Correia de Oliveira, o patrono do nosso Agrupamento;**
- 2. Leste no texto «quem conta um conto, aumenta um ponto». Completa o provérbio: «Agradar a gregos e.....»**

Texto 2

Os contadores de histórias

A velha Totonha, de vez em quando, batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. Ela vivia de contar histórias. Pequenininha e toda engelhada, tão leve que uma ventania poderia levá-la, andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição das Mil e Uma Noites. Que talento ela possuía para contar as suas histórias! Sem um único dente e com uma voz que dava todos os tons às primeiras.

As suas histórias para mim valiam tudo. Ela também sabia escolher o seu auditório. Não gostava de contar para o primo Silvino porque ele se punha a tagarelar no meio das narrativas. Eu ficava calado, quieto, diante dela. Para este seu ouvinte, a velha Totonha não conhecia cansaço. Repetia, contava mais uma, entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato, sempre com aquele seu sorriso de avó de gravura dos livros das histórias. E as lendas eram suas, ninguém as sabia contar como ela. Havia uma nota pessoal nas modulações da sua voz e uma expressão de humanidade nos reis e nas rainhas dos seus contos. O seu pequeno Polegar era diferente. A avó que engordava os meninos para comer era mais cruel que a das histórias que os outros contavam.

A velha Totonha era uma grande artista para dramatizar. Tinha uma memória prodigiosa. Recitava contos inteiros em verso, intercalando de vez em quando pedaços em prosa, como notas explicativas.

Havia sempre reis e rainhas nos seus contos e fora de adivinhações. E muito na vida, com as suas maldades e as suas grandezas.

José Lins do Rego – Menino de Engenho
(texto adaptado)

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Identifica o século em que viveu o autor do texto que acabaste de ler;**
- 2. Explica a razão pela qual a palavra «Polegar», neste texto, aparece escrita em letra maiúscula.**

Texto 3

Livro Fechado (início)

Era uma vez um livro. Um livro fechado. Irremediavelmente fechado.

Nunca ninguém o abria nem sequer para ler as primeiras linhas da primeira página das muitas que o livro tinha para oferecer.

Quem o comprara trouxera-o para casa e provavelmente insensível ao que o livro valia, ao que o livro continha, enfiara-o numa prateleira, ao lado de muitos outros.

Ali estava. Ali ficou.

Um dia, mais não podendo, queixou-se:

— Ninguém me leu. Ninguém me liga.

Ao lado um colega disse:

— Desconfio que, nesta estante, haverá muitos outros como tu.

— É o teu caso? — perguntou, ansiosamente, o livro que nunca tinha sido aberto.

— Por sinal, não. — esclareceu o colega, um respeitável calhamaço. — Estou todo sublinhado. Fui lido e relido. Sou um livro de estudo.

— Quem me dera essa sorte — disse outro livro ao lado, a entrar na conversa. — Por mim só me passaram os olhos, página sim, página não... Mas, enfim, já prestei para alguma coisa.

— Eu também — falou, perto deles, um livrinho estreito. — Durante muito tempo, servi de calço a uma mesa que tinha um pé mais curto.

— Isso não é trabalho para livro — estranhou o calhamaço.

— À falta de outro... — conformou-se o livro estreitinho.

António Torrado, *Mensagem Nacional para o Dia Internacional do Livro Infantil, Instituto Português do Livro e das bibliotecas, 2 de Abril de 1997*

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Indica três informações biobibliográficas do autor do texto: naturalidade, ano de nascimento e a primeira obra publicada;**
- 2. Identifica o recurso estilístico utilizado, que permite colocar os livros personagens a dialogarem.**

Texto 4

Livro Fechado (conclusão)

Escutando os seus companheiros de estante, o livro que nunca fora aberto sentiu uma secreta inveja. Ao menos, tinham para contar, ao passo que ele...

Suspirou.

Não chegou ao fim do suspiro, porque duas mãos o foram buscar ao aperto da prateleira. As mãos pegaram nele e poisaram-no sobre os joelhos.

— Tem bonecos esse livro? — perguntou a voz de uma menina, debruçada para o livro ainda por abrir.

— Se tem! Muitos bonecos, muitas histórias que eu vou ler-te — disse uma voz mais grave, a quem pertenciam as mãos que escolheram o livro da estante.

Começou a folheá-lo e, enquanto lhe alisava as primeiras páginas, foi dizendo:

— Este livro tem uma história. Comprei-o no dia em que tu nasceste. Guardei-o para ti, até hoje. É um livro muito especial.

— Lê — exigiu a voz da menina.

E o pai da menina leu. E o livro aberto deixou que o lessem, de ponta a ponta.

Às vezes, vale a pena esperar.

**António Torrado, Mensagem Nacional para o Dia Internacional do Livro Infantil.
Instituto Português do Livro e das bibliotecas, 2 de Abril de 1997**

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Esta história é a mensagem do autor para o Dia Internacional do Livro Infantil. Indica qual é o Mês em que, em todo o mundo, se presta homenagem às Bibliotecas Escolares;**
- 2. Conclui o provérbio: «De livro fechado....»**

Texto 5

O NAVIO-BIBLIOTECA (início)

Nunca esquecerei aquele dia, 3 de Maio de 1956. O nosso navio, o Alexandria, navegava no Pacífico. O céu era uma grande abóbada azul e no mar enormes cardumes de peixes brilhavam à superfície. Foi por volta das três da tarde que no horizonte, na direcção nordeste, avistámos um navio. O capitão Hummel apontou logo o óculo para aquela embarcação que vinha precisamente na nossa direcção.

— Que navio estranho — disse —, não consigo perceber como é feito.

— Parece um navio-fantasma — disse o mestre Milani.

De repente, enquanto o observávamos, da popa partiu um tiro de canhão. O projectil, assobiando, passou alto sobre nós. Seguiu-se um momento de pavor, durante o qual a explosão continuou a ribombar e a rolar dentro dos nossos ouvidos. Depois ouvimos uma voz metálica vinda do mar.

— Rendam-se, somos os piratas da Coca-Cola.

Todos levantámos a cabeça e vimos na tolda do navio-fantasma um homem vivo, elegantíssimo, de calças e casaco brancos, com um megafone junto à boca.

— O que é que querem? — Gritou ao megafone o capitão Hummel. — Não temos mercadorias de valor.

— Isso é o que vocês dizem — ripostou o homem de branco.

— Venham verificar, se quiserem.

Ambrogio Borsani, A Ilha dos Livros Falantes (texto adaptado),
col. «A Biblioteca Ilustrada», tradução de Simonetta Neto,

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Distingue a «popa» da «proa» de um navio.**
- 2. «Rendam-se, somos os piratas da Coca-Cola». Relaciona, justificando, a marca «Coca-cola» com um evento cultural que mobiliza uma personagem simpática e amiga do ambiente.**

Texto 6

O NAVIO-BIBLIOTECA (continuação)

— Isso é o que vocês dizem — ripostou o homem de branco.

— Venham verificar, se quiserem.

Os piratas não se fizeram rogados. Baixaram ao mar uma chalupa com o capitão e seis homens armados.

Chegados a este ponto, é preciso dizer que o *Alexandria* era um navio-biblioteca. Andávamos pelas ilhas do Pacífico para proporcionar um bom livro a todos aqueles que desejassem ler. Eu era a bibliotecária e, na altura em que aconteceram estes estranhos eventos, tinha trinta anos.

Mas voltemos aos acontecimentos daquele remoto dia. A chalupa dos piratas tinha-se aproximado do nosso costado. Deitámos uma escada de corda e vimos subir a bordo seis homens empunhando espingardas: por fim, apareceu o capitão. Era um homem de cerca de trinta anos, deveras elegante.

— Com que então querem-nos convencer que não têm mercadorias de valor — disse ele.

— É verdade — respondeu o capitão Hummel —, só transportamos livros.

— E na vossa opinião os livros não são mercadorias de valor?

— Mas o que é que vocês querem? — perguntei eu, que até então me tinha mantido calada.

— Quem é você?

Ambrogio Borsani, *A Ilha dos Livros Falantes* (texto adaptado)
col. «A Biblioteca Ilustrada», tradução de Simonetta Neto

«Questões culturais» de algibeira

1. Explica o que é uma «chalupa».
2. Indica o que aconteceu à Biblioteca de Alexandria, que provavelmente terá inspirado o nome do navio biblioteca da história, que leste.

Texto 7 (conclusão)

— Eu sou Olívia, a bibliotecária. Que livro é que querem?

— Queremos um livro intitulado A Arte da Abordagem, de Pascal Barbellah.

— Sim, sim, acho que o temos. Basta preencher uma ficha e o livro é todo vosso.

— O que é que eu tenho que preencher na ficha? — perguntou desconfiado o capitão.

— O título do volume, o autor, o editor e também o nome de quem requisita o livro.

— O meu nome?

— Certamente, e com endereço.

— Isso nunca. Além do mais, eu não tenho endereço. Hoje estou aqui, amanhã numa ilha, depois num continente.

Falei com o capitão Hummel e decidimos dar-lhe o livro sem ficha.

— Melhor para vocês — disse o capitão dos piratas — porque sem livro teria que vos atirar a todos aos tubarões.

Desci para ir buscar o livro e entreguei-lho. O capitão dos piratas olhou no fundo dos meus olhos e disse:

— A si não a teria atirado aos tubarões.

Despediu-se amavelmente do capitão Hummel e partiu. Ao ver o estranho navio afastar-se do mar, não pude deixar de pensar naquele pirata galanteador e fascinante.

Ambrogio Borsani, A Ilha dos Livros Falantes (texto adaptado)

col. «A Biblioteca Ilustrada», tradução de Simonetta Neto

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Os piratas Coca Cola são personagens de ficção ou são pessoas reais?**
- 2. Pesquisa três informações actuais sobre os piratas do século XXI.**

Texto 8

A caminho de Londres

Já na pista sentiram o ventinho fresco da manhã e um cheiro forte a óleo queimado. O avião parecia enorme ali mesmo ao pé, muito brilhante, imponente, com uma escadinha articulada e estreita, por onde subiram, encantados.

— Parece tão pesado! Como é que isto voa?

— Não sei, mas quanto mais pesado melhor, mais seguro.

— Escolhe um lugar à janela!

— Podemos escolher os lugares?

— Claro!

Espalharam-se pelo corredor e sentaram-se todos, separados, cada um ao pé da sua janela.

— Luísa, vem para aqui, não sejas chata!

— Eu vou mas quero ir à janela!

— Primeiro vais tu e depois vou eu!

As gémeas acomodaram-se uma ao lado da outra, apertaram os cintos e acenaram ao Chico que, do outro lado da coxia, se instalara muito bem refastelado.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

Uma Aventura em Viagem

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Indica o país de que Londres é a capital.**
- 2. Indica quem foi ou quem foram os primeiros homens portugueses, que fizeram uma travessia aérea.**

Texto 9

A caminho de Londres

O avião levantou voo pouco depois, em direcção às nuvens. Durante algum tempo puderam ver passar flocos brancos pela janela, até que, de repente, saíram da zona enevoadada e o Sol apareceu radioso no céu azul. Em baixo formara-se um verdadeiro manto muito branco.

— Estamos em cima das nuvens, Teresa!

— Que maravilha!

— Tenho uma sensação um bocado esquisita na cabeça...

— Isso passa já! Parece que é costume.

A viagem foi animadíssima. O avião não ia cheio e puderam trocar de lugar várias vezes, conversar, bisbilhotar. A casa de banho era giríssima, minúscula, com sabonetinhos e toalhas de papel, vários letreiros em português e inglês com instruções. Naquele vai-e-vem, conseguiram espreitar para dentro da cabina dos pilotos, mas só dava para verem um painel de botões e luzinhas, semelhantes a outros que já tinham visto em filmes. As hospedeiras e o comissário de bordo riam-se com aquela agitação toda, mas ficaram um pouco zangados quando o Chico se lembrou de tirar, debaixo do banco, o colete de salvação... que teve de repor rapidamente...

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada — Uma Aventura em Viagem

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Diz, justificando, se no caso do texto que leste se podes aplicar o provérbio «Até vi as estrelas!».**
- 2. Explica, justificando, se à atitude do Chico se aplica o provérbio «Debaixo dos pés é que se levantam os trabalhos.».**

Texto 10

A caminho de Londres

Almoçaram lindamente, carnes frias, doces e sumo de laranja, servidos em tabuleiros que encaixavam nas cadeiras. Tudo aquilo lhes parecia novo e divertido. E era sensacional estarem ali todos juntos!

— Não há nada melhor do que ter um amigo rico para nos convidar...

— Ora, ora! Vocês é que são os meus melhores amigos e não são ricos!

Uma voz parecida com a do aeroporto anunciou pelos altifalantes do avião: «Senhores passageiros, dentro de momentos aterraremos no aeroporto de Heathrow, em Londres. Queiram tomar os vossos lugares, apertar os cintos e não fumar. A temperatura do ar é de cinco graus...»

— Safa! Que frio... Se viéssemos no Inverno, apanhávamos graus negativos, de certeza.

— Deixa! Pode ser que assim acabe por nevar.

O avião começou a perder altura, descendo suavemente em direcção à pista.

— Tenho os ouvidos aos estalos! — comentou o Pedro, apertando a cabeça.

— É a descida!

O Chico, de cara colada ao vidro, gritou, fazendo rir os outros passageiros:

— Londres! Olhem, Londres! Iupiii!

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada — Uma Aventura em Viagem

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Das duas personalidades a seguir identificadas, identifica aquela que está relacionada com a História de Londres: Isabel II/Voltaire.**
- 2. Identifica o rio que desagua em Londres.**
- 3. Identifica qual o desporto que ocorre no Tamisa e envolve os alunos das Universidades de Cambridge e de Oxford.**

Texto 11

Na vertente de uma serra...

Sacudi violentamente Jacinto:

— Acorda, homem, que estás na tua terra! Ele desembrulhou os pés do meu paletó, cofiou o bigode, e veio sem pressa, à vidraça que eu abrira, conhecer a sua terra.

— Então é Portugal, hem?... Cheira bem.

— Está claro que cheira bem, animal!

A sineta tilintou languidamente. E o comboio deslizou, com descanso, como se passeasse para seu regalo sobre as duas fitas de aço, assobiando e gozando a beleza da terra e do céu.

O meu Príncipe alargava os braços, desolado.

— E nem uma camisa, nem uma escova, nem uma gota de água-de-colónia! ...Entro em Portugal, imundo!

— Na Régua há uma demora, temos tempo de chamar o Grilo¹, reaver os nossos confortos... Olha para o rio!

Rolávamos na vertente de uma serra, sobre penhascos que desabavam até largos socalcos cultivados de vinhedo. Em baixo, numa esplanada, branquejava uma casa nobre, de opulento repouso, com a capelinha muito caiada entre o laranjal maduro.

Eça de Queirós
A Cidade e As Serras

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Indica duas informações biográficas e duas informações bibliográficas sobre Eça de Queirós.**
- 2. Diz se o rio que corre na Régua é um rio nacional ou internacional.**

¹ O Grilo é um dos criados de Jacinto, o «príncipe» de José Fernandes.

Texto 12

Na vertente de uma serra...

Pelo rio, onde a água turva e tarda nem se quebrava contra as rochas, descia, com a vela cheia, um barco lento carregado de pipas. Para além de outros socalcos, de um verde pálido, com oliveiras apoucadas pela amplidão dos montes, subiam até outras penedias que se embebiam, todas brancas e assoalhadas, na fina abundância do azul. Jacinto acariciava os pêlos corredios do bigode:

— O Douro, hem?... É interessante, tem grandeza. Mas agora é que eu estou com uma fome, Zé Fernandes!

— Também eu!

Destapámos o cesto de D. Estaban donde surgiu um bodo grandioso, de presunto, anho, perdizes, outras viandas frias que o ouro de duas nobres garrafas de Amontilado, além de duas garrafas de Rioja, aquecia com o calor do sol andaluz.

Eça de Queirós
A Cidade e As Serras

«Questões culturais» de algibeira

1. **Justifica a razão de no cesto da merenda não existir vinho português.**
2. **Completa o provérbio «merenda feita, ...»**

Texto 13

Os franceses

Com a aproximação do Natal começaram a circular na aldeia as novidades:

— Vêm aí os franceses!

Era a maneira como tratavam os emigrantes de regresso à terra.

O tí' João Barrelas ria-se:

— Eh! Eh! Contava o meu avô que no tempo do pai dele, quando se ouvia dizer «Vêm aí os franceses!», corria o povo todo a pegar em varapaus e foices para se defender. Esses «franceses» de agora são recebidos nas palminhas!

— Pudera! São «franceses» do nosso sangue — respondiam-lhe.

Chegavam em carros de marcas francesas, alegremente empilhados no meio das malas e sacos, porque os mais endinheirados, donos dos carros, davam boleia aos patrícios. Outros, que tinham vindo de comboio, alugavam um carro de praça, na cidade, para os transportar. Vestiam blusões de cabedal ou sobretudos forrados, traziam luvas e barretes de pêlo, como se a aldeia ficasse nas encostas da serra da Estrela ou entre os pedregais de Trás-os-Montes. Mas a razão disso explicava-se: tinham deixado a França com neve de dois palmos na rua! Aqui, apesar do frio de Dezembro, sentiam-se quase na Primavera.

Entre os recém-chegados desta vez, vinha o senhor Emílio, pai da Graziela, e o senhor Luís Henriques, pai do Mário.

Maria Isabel de Mendonça Soares
Sete Cabeças a Pensar

«Questões culturais» de algibeira

1. Indica a capital de França.
2. Indica a relação entre «os franceses» e a já não existente «ponte das barcas» entre o Porto e Gaia.

Texto 14

Os franceses

Foi uma alegria tão grande para todos!

— O pai agora nunca mais abala, pois não? — perguntou o Quim

E o Zezito andava de roda dele, agarrando-lhe o casaco.

— Vens para ficar? — perguntou a mulher.

A Graziela não perguntava nada, mas os seus olhos ansiosos fitavam a cara emagrecida do pai.

— Ainda não. Tenham paciência; é só mais um ano.

— Um ano ainda!!

— Um ano passa depressa, mulher. Se Deus me der vida e saúde, no Natal que vem estou cá outra vez, e então para sempre.

— Deus te oiça! — disse a senhora Deolinda; e mudando de tom, a afastar tristezas:

— Ó Graziela, vai buscar uma medida de azeite para os fritos. Natal sem fritos não é Natal dos nossos.

— Isso é que é uma grande verdade — disse o senhor Emílio. — Se vocês soubessem o que eu sentia, faz agora um ano «là-bas»?...

— Lá quê?! — perguntou o Quim, sem perceber.

Maria Isabel de Mendonça Soares
Sete Cabeças a Pensar

«Questões culturais» de algibeira

1. Quando se sai do seu país e se dirige para outro, para trabalhar, diz-se que a pessoa é «emigrante» ou «imigrante»?
2. Diz qual é a diferença entre um «emigrante» e um «exilado».

Texto 15

Os franceses

O pai riu-se com vontade.

— «Là-bas» dizem os Franceses como a gente diz «lá longe».

— Ah!

E o senhor Emílio continuou a recordar:

— Era uma tristeza dentro de mim, que nem me apetecia o comer, e meti-me na cama para nem me lembrar que era noite de Natal. Nisto, entrou-me pelo quarto dentro o Luís Henriques com outro português...

— Cá da terra?

— Era do Norte, do pé de Braga, acho eu. Tinha contado ao Luís que havia uma missa à meia-noite e consoada na missão portuguesa, e vinham os dois buscar-me para ir com eles.

— E o pai foi?

— Fui; e juro-lhes que foram essas as horas mais felizes que passei na França. Mas nada que se compare a hoje!

E o senhor Emílio abraçou com o olhar os filhos, a mulher e o Presépio de cartolina que a Graziela tinha armado entre verdura sobre a cantareira.

Maria Isabel de Mendonça Soares
Sete Cabeças a Pensar

«Questões culturais» de algibeira

1. Explica o significado do Presépio para os cristãos.
2. Completa o provérbio: « Na necessidade se mostra....»

Texto 16

Vanina

Certa noite, terminada a ceia, o Veneziano e o Dinamarquês ficaram a conversar na varanda. Do outro lado do canal via-se um belo palácio com finas colunas esculpidas.

— Quem mora ali? — perguntou o cavaleiro.

— Agora ali só mora Jacopo Orso com seus criados mas antes também ali morou Vanina que era a rapariga mais bela de Veneza. Era órfã de pai e mãe e Orso era o seu tutor. Quando ela era ainda criança o tutor prometeu-a em casamento a um seu parente chamado Arrigo. Mas quando Vanina chegou aos dezoito anos não quis casar com Arrigo porque o achava velho feio e maçador. Então Orso fechou-a em casa e nunca mais a deixou sair senão em sua companhia, ao Domingo, para ir à missa. Durante os dias da semana Vanina prisioneira suspirava e bordava no interior do palácio sempre rodeada e espiada pelas suas aias. Mas à noite Orso e as aias adormeciam. Então Vanina abria a janela do seu quarto, debruçava-se na varanda e penteava os seus cabelos. Eram loiros e tão compridos que passavam além da balaustrada e flutuavam leves e brilhantes, enquanto as águas os reflectiam. Eram tão perfumados que de longe se sentia na brisa o seu aroma. E os jovens rapazes de veneza vinham de noite ver Vanina pentear-se. Mas, nenhum ousava aproximar-se dela pois o tutor fizera saber à cidade inteira que mandaria apunhalar pelos seus esbirros aquele que ousasse namorá-la.

E Vanina jovem e bela e sem amor suspirava naquele palácio.

Sophia de Mello Breyner Andresen. O Cavaleiro da Dinamarca

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Diz se, neste século XXI, em 2010, a Itália e a Dinamarca, são países da União Europeia.**
- 2. Diz que mar banha Veneza, a cidade italiana.**

Texto 17

Vanina

Mas, um dia, chegou a Veneza um homem que não temia Jacopo Orso. Chamava-se Guidobaldo e era capitão de um navio. O seu cabelo preto era azulado como a asas de um corvo e a sua pele estava queimada pelo sol e pelo sal. Nunca no Rialto passara tão belo navegador.

Ora certa noite Guidobaldo passou de gôndola por este canal. Sentiu no ar um maravilhoso perfume, levantou a cabeça e viu Vanina a pentear os cabelos.

Aproximou o seu barco da varanda e disse:

— Para cabelos tão belos e tão perfumados era preciso um pente de oiro.

Vanina sorriu e atirou-lhe o seu pente de marfim.

Na noite seguinte à mesma hora, o jovem capitão tornou a deslizar de gôndola ao longo do canal.

Vanina sacudiu os cabelos e disse-lhe:

— Hoje não me posso pentear porque não tenho pente.

— Tens este que eu te trago e que mesmo feito de oiro brilha menos do que o teu cabelo.

Então Vanina atirou-lhe um cesto atado por uma fita onde Guidobaldo depôs o seu presente.

E daí em diante a rapariga mais bela de Veneza passou a ter um namorado.

Sophia de Mello Breyner Andresen .O Cavaleiro da Dinamarca

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Explica a razão de, nesta história, se falar de «gôndolas» e de «canais».**
- 2. Justifica: em Veneza, Vanina poderia passear pela Praça de São Marcos ou pela Torre Eiffel.**

Texto 18

Vanina

Quando esta notícia se espalhou na cidade os amigos do capitão vieram preveni-lo de que estava a arriscar a sua vida pois Orso não lhe perdoaria. Mas ele era forte e destemido, e sacudiu os ombros e riu.

Ao fim dum mês foi bater à porta do tutor.

— Que queres tu? Perguntou o velho.

— Quero a mão de Vanina.

— Vanina está noiva de Arrigo e não há-de casar com mais ninguém. Sai depressa de Veneza. Tens um dia para saíres da cidade. Se amanhã ao pôr-do-sol ainda não tiveres partido eu mandarei sete homens com sete punhais para te matarem.

Guidobaldo ouviu, sorriu, fez uma reverência e saiu.

Mas, nessa noite, no silêncio da noite, a sua gôndola parou junto da varanda da casa de Orso. De cima atiraram um cesto preso por uma fita e dentro dele o jovem capitão depôs uma escada de seda.

Sophia de Mello Breyner Andresen. O Cavaleiro da Dinamarca

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Caracteriza psicologicamente o «tutor» de Vanina.**
- 2. Consulta a obra O Cavaleiro da Dinamarca no sentido de ficares a saber e poderes divulgar o final da história amorosa de Vanina e de Guidobaldo.**

Texto 19

Vanina

O cesto foi puxado para a varanda e a escada, depois de desenrolada, foi atada à balaustrada de mármore cor-de-rosa. Então, ágil e leve, Vanina desceu com os cabelos soltos flutuando na brisa.

Guidobaldo cobriu-a com a sua capa escura e a gôndola afastou-se e sumiu-se no nevoeiro de Outubro.

Na manhã seguinte as aias descobriram a ausência de Vanina e correram a prevenir o tutor. Jacopo Orso chamou Arrigo e com ele e os seus esbirros dirigiram-se para o cais.

Mas quando chegaram lá o navio de Guidobaldo já tinha desaparecido.

— Conta-me o que sabes — disse Orso a um velho marinheiro seu conhecido

E o homem contou:

— O capitão e a tua pupila chegaram aqui no meio da noite. Mandaram chamar um padre que os casou, ali, naquela pequena capela que é a capela dos marinheiros. Mal terminou o casamento embarcaram. E ao primeiro nascer do dia o navio levantou a âncora, içou as velas e navegou para o largo.

Sophia de Mello Breyner Andresen . O Cavaleiro da Dinamarca

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Há uma personalidade portuguesa da qual se diz que um dia regressará, numa manhã de nevoeiro. Identifica-a.**
- 2. Termina o provérbio «rei morto, ...»**

Texto 20

Vanina

Jacopo Orso olhou para a distância. O navio já não se avistava pois a brisa soprava da terra. As águas estavam verdes, claras, ligeiramente ondulantes, cobertas com manchas cor de prata.

O tutor e Arrigo queixaram-se à senhoria de Veneza e ao Doge. Depois mandaram quatro navios à procura dos fugitivos: um que navegou para Norte, outro que navegou para Oriente, outro que navegou para o Sul, outro que navegou para Ocidente. Mas, o mar é grande e há muitos portos, muitas baías, muitas cidades marítimas, muitas ilhas. E Vanina e Guidobaldo nunca mais foram encontrados.

Terminada a narração o Mercador encheu dois copos com vinho e ele e o Dinamarquês beberam à saúde de Vanina e do navegador.

Sophia de Mello Breyner Andresen .O Cavaleiro da Dinamarca

«Questões culturais» de algibeira

- 1. O Mercador e o Veneziano brindaram. Brinda-nos com a apresentação do provérbio completo: «Vinho e medo ...»**
- 2. Pádua é uma cidade italiana. Indica qual a sua relação com Lisboa.**

Texto 21

O Cuco

Para o Cuco, almirante de um navio de cana, a grande aventura, a verdadeira, vivera-a ele durante a noite.

Ainda agora se embala nessa aventura maravilhosa de viajar num barco mágico, onde acabara por nascer duma simples folha um mastro com vela grande e verde. Parecia mesmo um pendão. Só assim pudera entrar pelo mar dentro — nem sabia bem onde chegara! —, embora acochado por vagas e temporais medonhos.

A viagem sonhada fora-lhe preciosa. Aprendera nela muitas coisas de marinhagem, de que aproveitaria quando repetisse, ao vivo, essa aventura misteriosa. Ah, sim, tem a certeza, e agora mais do que nunca, de que irá construir um barco seu, arrebanhando quantas canas e tábuas consiga encontrar na aldeia.

Há-de preparar o navio com todo o preceito, sem esquecer o mais importante. Para mastro arranjará um pau de varejar azeitona. O pai tem um guardado no palheiro; é alto e verga-se bem. Tirará a vela de um lençol velho, mesmo remendado. Precisa de oferecer ao vento uma boa concha para lhe soprar com força.

Não, não pode ficar-se por uma jangada qualquer feita à matroca com dois molhos de canas amarrados por arames, à toa. Assim iriam, quando muito, até perto de Bucelas. E ele precisa de alcançar terras mais distantes...

Alves Redol. Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos,
Editorial Caminho

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Pesquisa duas informações biográficas e duas informações bibliográficas sobre Alves Redol**
- 2. O Cuco referido na história, que acabaste de ler, era um pássaro bisnau ou uma personagem arrojada.**

Texto 22

O Cuco

Não, não pode ficar-se por uma jangada qualquer feita à matroca com dois molhos de canas amarrados por arames, à toa. Assim iriam, quando muito, até perto de Bucelas. E ele precisa de alcançar terras mais distantes...

Quer chegar a serralheiro de navios, há-de construir alguns que deitem fumo, desses que aguentam em cima com o povo inteiro do Freixial. Não conhece ofício mais bonito!...

Precisa de mostrar às pessoas que merece andar com fato-macaco de duas alças. Não é serralheiro de ferro-velho, como já o Evaristo Bacalhau lhe chamou a brincar. Um navio custa mais a fazer do que uma casa e o seu barco novo há-de espantar toda a gente...

Daí por um ano, quando for fazer o exame, o pai irá levá-lo aos estaleiros, como prometeu:

— Eh, mestre!... Precisa cá de um aprendiz?...

Ele poderá acrescentar sem melindres para ninguém;

— Aprendiz não é bem assim...Já fiz um barco... Já pus sozinho um barco a navegar. Vim da minha terra até aqui...

Alves Redol. Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos,
Editorial Caminho

«Questões culturais» de algibeira

1. Identifica o autor português, que criou a obra «A jangada de pedra»
2. Completa o provérbio: «O segredo melhor guardado é o.....»

Texto 23

O Cuco

Vive para esse grande e único sonho, nascido à vista do Tejo, quando o levaram a Lisboa pela primeira vez. Constantino sente-se investido na dignidade de guardador desse sonho. E sabe que o passará inteirinho para as suas mãos.

Quando voltar à cidade, não dirá com espanto nos olhos:

— Ena pai, tanta água!... Donde vem esta água toda?!...

Conhece agora os mistérios da água e do mar. Aprendeu muitas coisas boas e sábias, e vai usá-las, pois então!

Quando?!...

Por enquanto é segredo. O Constantino quer fazer uma surpresa à Ti Elvira, porque a avó lhe disse um dia: cresce e aparece. E o nosso amigo Cuco sabe também que o verdadeiro tamanho de um homem se mede pela coragem e pelas obras.

Amanhã mesmo ele vai continuar a construir o seu barco. Já o meteu no estaleiro do coração, conhece-o de cor, e o resto é fácil...

Alves Redol, Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos,
Editorial Caminho

«Questões culturais» de algibeira

1. **Completa o provérbio: «este mundo é uma bola: quem anda nele ...»**
2. **Explica o significado de «já meteu no estaleiro do coração».**

REBATE FALSO

Um dia a Rã reparou no rato a roer um rabanete, e avisou:

— Raspa-te, raspa-te que vem aí o Rinoceronte!

Embora soubesse que os Rinocerontes não gostam de comer ratos, o rato deitou a correr porque as patas do Rinoceronte são pesadas, e se ele pusesse uma pata em cima deixava-o mais delgadinho do que uma folha de papel!

Mas, ao ver a Rola poisada num ramo de romãzeira, preveniu-a:

— Retira-te, retira-te porque vem aí a Raposa que te chama um figo!

A Rola, embora não percebesse que pareenças havia entre uma rola e um figo, a ponto de a Raposa os confundir, levantou voo até encontrar uma árvore mais alta onde ficasse em segurança.

Mas, pelo caminho, avistou o Rouxinol a ensaiar uma nova canção, e aconselhou:

— Recolhe-te, recolhe-te, porque vem aí um rapaz, com uma esparrela para te agarrar!

O Rouxinol já não era criança e, embora tivesse muita experiência de esparrelas e armadilhas para se deixar cair na primeira, pelo sim pelo não, bateu asas direito ao ninho.

Maria Isabel Mendonça Soares. Histórias para Ler e Contar

«Questões culturais» de algibeira

1. **Explica se existe relação entre o título desta história e o provérbio «Falar sem cuidar é atirar sem apontar.»**
2. **Substitui a expressão «rebate falso» por uma palavra com significado idêntico.**

REBATE FALSO

Mas, de passagem, ouviu o Ralo a remexer no restolho, e gritou-lhe:

— Regressa, regressa, regressa à tua toca porque vem aí um Rebanho a fazer um tal remoinho de poeira que ainda ficas mais rouco!

O Ralo, embora não se ralasse muito porque talvez o Rebanho estivesse longe, à cautela foi recuando para o buracinho.

Mas quando olhou para o regato, viu a Rã toda regalada a rir-se:

— Ah! Ah! Ah! Que barrigada de riso! Tudo em reboição por causa de um rebate falso!

O Ralo, que reconheceu de repente a ruindade da Rã, replicou:

— Ri-te, ri-te enquanto é tempo, porque o Rei está no Restaurante e já mandou que lhe servissem rissóis com recheio de pernas de rã!

Dizem que a Rã ia rebentando ao receber o recado do Ralo.

Maria Isabel Mendonça Soares. Histórias para Ler e Contar

«Questões culturais» de algibeira

1. Diz qual dos seguintes provérbios se aplica à atitude do ralo relativamente à rã: «**fez dela gato e sapato**» ou «**fia-te na virgem e não corras e verás o tombo que levas.**».
2. No contexto da reacção final da rã, completa o provérbio: «**Mais vale um cobarde vivo do que ...**».

Texto 26

Um Curso de Férias

Tinham acabado de tomar o pequeno-almoço e agora, ao fundo das escadas, de caderno e caneta na mão, Miguel, Ricardo e Toshiro consultavam o programa que lhes havia sido entregue na véspera.

— Credo! Até parece o horário da nossa Escola durante o ano lectivo! — exclamou o Ricardo, torcendo o nariz.

— Na tua Escola também fazem passeios todas as tardes? — perguntou, irónico, o Paolo, que se aproximara com outros jovens. — Quero ir estudar para lá!

— Ora, ora! — atalhou Toshiro. — Vocês deviam ir para o Japão. Logo viam o que era trabalhar!

— Nada! — replicou o Miguel. — Aqui há uns tempos vi na televisão um filme sobre umas escolas japonesas que faziam os putos pequenos caminhar em tronco nu sobre a neve. Brrrrrr!!! Só de pensar nisso...

Por entre conversas deste género e alegres comentários e gargalhadas, dirigiram-se para as respectivas salas de aula, onde os esperava a primeira manhã de trabalho.

Voltaram a encontrar-se ao almoço, na sala de jantar. Era um compartimento amplo com diversas mesas postas para seis pessoas. As paredes estavam decoradas com gravuras representando casas de campo e cavalos.

Manuela Ribeiro. Um Rapto em Londres,
Âmbar

«Questões culturais» de algibeira

- 1. Indica a naturalidade do mais antigo cineasta português, que continua a filmar neste século.**
- 2. Indica se na capital do Japão passa o rio Danúbio.**

Texto 27

Um Curso de Férias

Voltaram a encontrar-se ao almoço, na sala de jantar. Era um compartimento amplo com diversas mesas postas para seis pessoas. As paredes estavam decoradas com gravuras representando casas de campo e cavalos.

Giovanna e Paolo estavam já sentados a uma das mesas.

— Miguel! Ricardo! Toshiba! — Chamou a rapariga quando estes últimos entraram, indicando-lhes os lugares que ela e Paolo lhes haviam reservado.

— Toshiro — respondeu o japonês, piscando os olhos fendidos e sentando-se juntamente com os outros.

— Desculpa — pediu ela — mas vocês têm uns nomes complicados.

— Eu falo imenso japonês — declarou o Ricardo, servindo-se de uma grande pratalhada de *Shepherd's Pie*. — Kawasaki, Honda, Suzuki ...

Desataram todos a rir, incluindo Toshiro.

— Então que tal o vosso primeiro dia de aulas? — perguntou Paolo.

— Um espanto! O nosso professor chama-se Murdoch e parece que saiu de um filme de terror. Tem ar de esqueleto andante. — respondeu o Miguel.

— E para ele somos todos Mistery e Misses — acrescentou Toshiro.

— O que vale é aquela coisa de cada um de nós ter um computador para trabalhar — comentou o Ricardo. — Lá nisto é melhor que a nossa Escola... Eu até fiquei arrelampado! Aqui o Toshiro é que trata o computador dele por tu!

— Olha a admiração! — disse o Paolo, encolhendo os ombros. — Lá no país dele devem brincar com computadores desde pequeninos...

Manuela Ribeiro, *Um Rapto em Londres*,
Âmbar

«Questões culturais» de algibeira

1. Giovanna trocou o nome a Toshiro. Indica a relação entre a marca Toshiba e a *sociedade da informação e da comunicação*.
2. Na sociedade da informação e da comunicação, cada pessoa deve «fechar-se em copas» e «fazer ouvidos de mercador»?

Texto 28 - «texto família»

No mar das sereias

A princípio não ouvia nada. Ulisses ria alto e pensava que Circe lhes tinha pregado uma boa partida. Os companheiros, de ouvidos tapados com cera, nem o ouviam rir.

De súbito, um suavíssimo canto se elevou nos ares vindo do brilho das águas do mar, e logo outro e outro, e muitas vozes maravilhosas chorando e cantando, o envolveram.

— Ulisses, Ulisses, Ulisses — Percebeu ele nitidamente.

— Quem me chama? Quem me chama? Quem me chama? — Gritou ele.

— Ulisses, sou eu, Penélope, a tua mulher, que estou aqui prisioneira das sereias...

— Tu aqui, Penélope?

— Vim num navio à tua procura, e as sereias agarraram-me! Salva-me Ulisses!

— Parem, marinheiros, parem!!! — Gritava Ulisses. — Parem!!!

E torcia-se, tentando libertar-se das grossas cordas com que estava amarrado ao mastro grande. Os marinheiros não o ouviam e continuavam a remar, a remar, a remar...

— Ulisses, Ulisses, não passes junto de mim sem me salvar! Ulisses, Ulisses...

E o cântico chorava suavíssimo, violentíssimo, vindo de dentro das ondas, de dentro das cores, de dentro do vento.

Ulisses sofria pavorosamente. Fazia desesperados esforços para se soltar, e já uivava para os marinheiros:

— Parem!!! Seus estúpidos! Parem!!! Penélope está aqui e tenho de ir salvá-la! Parem!!!
Parem!!!

Mas os marinheiros não o ouviam, e de costas voltadas para ele, continuavam a remar, a remar, a remar, a remar, a remar, a remar, a remar, a remar, a remar, a remar, a remar, a remar, a remar, a remar, a remar, a remar, a remar, a remar, a remar, a remar...

E o cântico agora ao longe desaparecendo na distância inquieta: «Ulisses, Ulisses...Oh, Ulisses...»

Tudo acalmou de repente depois. Os marinheiros pararam, baixaram os remos, tiraram a cera dos ouvidos, espreguiçaram-se, e voltaram-se alegremente para trás.

Então ficaram suspensos, paralisados: Ulisses parecia um velho. Estava cheio de sangue e de suor. O esforço que fizera contra as cordas com o que tinham amarrado provocara por todo o seu corpo vergões.

A angústia colava-se-lhe à cara.

— Que foi, Ulisses?! — Espantaram-se eles.

— Vocês não ouviram? Não ouviram nada?

— Mas ouvimos o quê? O que é que não ouvimos?

— Ah, meus amigos, foram as sereias, foram elas, Agora lembro-me de saber que elas imitam as vozes dos humanos para melhor atrair os mortais que por aqui passam... Ah, meus amigos, que tortura a minha!

E no íntimo agradeceu a Circe tê-lo avisado daquele verdadeiro perigo.

Maria Alberta Meneres. Ulisses,
Edições ASA

«Questões culturais» de algibeira

Por se tratarem de «questões mistério» colocadas às pessoas convidadas, não são colocadas aqui, como é óbvio, mas deixamos pistas, a partir do texto «No mar das sereias».